Solange Mittmann
Organizadora

Escritas, Escrituras e Excrituras

Análise do Discurso e Estudos de Gênero



Pedro & João editores

Solange Mittmann
(Organizadora)

Escritas, escrituras e excrituras
Análise do Discurso e Estudos de Gênero

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Solange Mittmann [Org.]

Escritas, escrituras e excrituras: Análise do Discurso e Estudos de Gênero.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 243p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-3089-4 [Digital]

1. Análise do Discurso. 2. Formação discursiva. 3. Questões de gênero. 4. Práticas feministas. 5. Autoria feminina. I. Título.

CDD – 410

Capa: Solange Mittmann com finalização técnica de Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

“Quando escrevo, nem eu mesma sei quem sou”: notas sobre uma escrita às margens

Mônica Ferreira Cassana

Desenhando as margens

No campo teórico da Análise de Discurso materialista, nós, analistas de discurso, construímos nosso gesto de leitura e escrita de textos de um modo profundamente atravessado pela memória e pela ideologia. Quando nosso interesse de análise se volta para os processos de escrita de textos, especialmente de literatura, devemos levar em consideração como essa rede de conceitos atravessa o texto e constitui a posição da autoria.

Neste trabalho, propomo-nos a ler e examinar o livro *As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever*. A obra, de autoria de Elena Ferrante, publicada no Brasil em 2023, reúne quatro textos escritos pela autora, sob a forma de três conferências e um ensaio, e apresenta o gesto de escrita dessa autora. Veremos não apenas o que a autora diz sobre o seu processo de escrita, mas também buscaremos pontos de contato entre seu trabalho e Análise de Discurso para identificar possíveis diálogos entre essas duas áreas tão próximas e tão estranhas a si mesmas.

Ao examinarmos essa obra, nosso objetivo é compreender como o processo de escrita, atravessado pela ideologia patriarcal, que regula o que pode e deve ser dito no âmbito da literatura, é concebido pelo próprio sujeito-autor. Não trabalharemos com o texto de Ferrante como um corpus de análise, mas efetuaremos nosso gesto de interpretação, para analisar a noção de “margem”, que aparece ao longo de obras da autora e dá título à sua obra, pode ser pensada à luz da Análise de Discurso.

A escrita às margens

"Quando escrevo, nem eu mesma sei quem sou". O título deste trabalho apresenta um excerto das palavras de Ferrante apresentadas na obra "As margens e o ditado". Ao ler esse enunciado, logo nos perguntamos: quem é esse sujeito que enuncia? O que esse sujeito diz a respeito da escrita e da autoria? A escrita pode ser pensada um domínio do sujeito ou como um efeito de um atravessamento do inconsciente e da ideologia?

Essa ideia de um "eu" evidente, que "domina" a escrita – ainda que essa forma de dominância não coloque esse sujeito no controle do dizer (*nem eu mesma sei quem sou*) mostra a contradição própria da AD, em que a escrita não é vista como lugar de transparência, de certezas sobre o que é dito. Ao contrário, a escrita é um espaço que revela tensões e deslocamentos, que coloca o sujeito não como um "eu" repleto de certezas, mas uma "eu" que se desvela ao longo do processo de autoria e falha por não conseguir apresentar tudo o que deseja ao outro, aquele que lê.

Constitui-se, assim, a forma peculiar como a escrita é vista a partir dos pressupostos teóricos da AD. O sujeito que escreve tem um dizer atravessado ideologicamente, o que faz com que seu texto/discurso não seja "decifrado", mas permite, àquele que lê, perceber as pistas, as pegadas de sentido que foram sendo construídas. Isso significa que nossas margens estão sempre sendo impostas, mas não é impossível que elas sejam ultrapassadas. Ou seja, a ideologia estabelece, através das regiões de sentido, possibilidades de dizer. Dentro dessas possibilidades, o sujeito pode fazer suas escolhas, ainda que de modo inconsciente.

A interpretação – as possibilidades de ler aquilo que está escrito – em Análise do Discurso, diz respeito a uma concepção de língua não encerrada em si mesma. A AD se ocupa, portanto, de uma língua opacificada que rejeita a transparência do sentido. Dessa forma, o sujeito, ao tomar a palavra para si, o faz de um lugar único e irrepetível, o que significa que as palavras ganham

contornos de acordo com a posição que assumimos em determinada formação discursiva.

E, tratando da interpretação, tratamos de escrita. Como dissemos anteriormente, a escrita não pode ser entendida como um modo de "esclarecimento", de contenção dos dizeres, mas como um modo em que os sujeitos se (des)filiam às redes de sentido para encontrar outras formas de dizer. Nesse processo de escrita, que é diferente do produto – o texto – Indursky afirma:

> pensar a escrita como processo implica dizer que ela pode sempre ser retomada e receber continuidade. Trata-se de um processo que o ponto final não pode deter, ao contrário do que ocorre com o ponto final de um texto, que marca simbolicamente seu término (Indursky, 2016, p. 32).

Nesse modo de escrever, as palavras passam a ter um seu sentido produzido no discurso e, a depender do lugar que o sujeito ocupa, irrompem outras redes significantes. Isso significa que, conforme Pêcheux, "ninguém pode pensar no lugar de quem quer que seja", sendo preciso "ousar pensar por si mesmo" (Pêcheux, [1975] 2009, p. 281). Assim, é preciso lembrar que o sujeito, ao tomar a palavra escrita pelo outro, o faz de seu lugar, ou seja, do lugar possível, aquele do qual ninguém mais poderia fazer por ele.

Tudo o que é passível de leitura (e, portanto, de interpretação) foi escrito por alguém. Se um texto pode ser comparado ao gesto de tecer, devemos lembrar que os diferentes fios produzidos passaram também por outro, muito singular, processo de escrita. Nas palavras de Indursky:

> O texto, assim concebido, resulta numa trama bem entrelaçada de diferentes fios discursivos que assumem uma determinada materialidade lingüística. É nisso que consiste tomar o texto como lugar material. Esta é a natureza da categoria texto nesta perspectiva teórica (Indursky, 2011, p. 169).

O óbvio precisa ser lembrado: só lemos aquilo que foi registrado, que foi gravado através (no caso deste artigo) da escrita. Por isso, a relação entre o nosso campo teórico e a literatura é estreita, movimentando sentidos entre essas duas áreas que são tão próximas, mas tão específicas. Neste trabalho, ao basearmos nossas reflexões teóricas sobre a escrita em Análise de Discurso com a escrita pela perspectiva de uma autora como Ferrante, somos convocados a pensar esse gesto como *estranhamente familiar*. Freud nos diz que

> só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho (Freud, 1976[1919]), p. 284).

Nesse jogo, entre o que é conhecido e o que é novo, podemos pensar a escrita a partir da posição da AD e pela posição da autora de gêneros literários. Contudo, estamos considerando o modo como a escrita é tomada nessa ambivalência, ou seja, como há pontos de contato e de distanciamento, que tomam o processo de escrita, tanto na Análise de Discurso quanto na literatura, na irrupção de um (im)possível, ou seja, de um texto constitutivamente falho porque é a forma como o sujeito lida com a língua repleta de furos, de desvios.

Além disso, ao levar em consideração que estamos diante de uma escrita feminina, precisamos refletir sobre atravessamentos ideológicos que estão relacionados a um discurso patriarcal, já que entendemos a escrita, nas palavras de Indursky, como "além de ser uma prática social, também é uma prática política" (2016, p. 37), ou seja, o trabalho da escrita não está sendo compreendido aqui como um trabalho produtivo, ofício do escritor. Estamos pensando que o autor – no processo de escrita – está submetido a um efeito de ideologia, já que "o sujeito-autor é um sujeito interpelado pela ideologia e seu trabalho discursivo de escrita dá-

se à luz de sua determinação ideológica. O político, por conseguinte, determina a escrita que vai carregar em si os vestígios dessa determinação" (ibidem.).

Isso posto, perguntamo-nos: quais redes de memória são acionadas quando uma mulher, uma escritora, resolve falar/escrever? Como as palavras irrompem no dizer? Quais posições são assumidas no ato da escrita, recobertas pela camada de gênero?

Pretendemos investigar essas questões na obra de Ferrante, que, habitualmente, escreve narrativas em que as mulheres ocupam posições diversas na sociedade. Ferrante mostra uma dualidade presente em suas personagens, que são retratadas de maneira forte e, ao mesmo tempo, bastante vulneráveis. Tais personagens habitam diferentes cenários, em que os elementos históricos também são bastante valorizados. Assim, as histórias contadas pela autora não apenas parecem refletir as condições históricas e sociais, mas parecem também revelar alguns aspectos de sua própria posição como escritora.

Em outro texto[1], falamos sobre a heterogeneidade presente na obra *A amiga genial*. A ideia de "desmarginação" que aparece no discurso da personagem Lila Cerullo revela uma tentativa de tentar compreender a si mesma a partir de uma ideia de "margem" que transparece na escrita da obra, evocando uma ambivalência entre a linguagem e o corpo, já que a *desmarginação*, segundo a personagem, é um processo que acontece tanto com pessoas quanto com coisas. Em um dos excertos do texto, podemos ler as palavras da narradora Elena Grecco:

> Em 31 de dezembro de 1959 Lila teve seu primeiro episódio de *desmarginação*. O termo não é meu, ela sempre o utilizou forçando o sentido comum da palavra. Dizia que, naquelas

[1] A heterogeneidade do dizer na obra "A amiga genial", de Elena Ferrante: uma análise discursiva. (mimeo)

> ocasiões, de repente se dissolviam as margens das pessoas e das coisas (Ferrante, 2015, p. 81, grifos da autora).

Ao longo da tetralogia *A amiga genial*, o sentido de *desmarginação* será evocado algumas outras vezes. A palavra, cunhada por Lila, que traduz uma relação sua com seu corpo, e a noção de perder-se de si mesma, pode ser vista como uma construção singular, que reflete uma relação não apenas com o corpo, como já mencionado, mas, sobretudo, com o gênero. Desmarginar-se, ou seja, perder a si e suas próprias margens revela um sujeito descentrado, ousando não assujeitar-se às imposições do outro e da ideologia. É através da construção dessa palavra que Lila encontra formas de significar-se.

Essa forma de relacionar corpo e escrita também aparecerá nas palavras de Cixous, que diz:

> Eu falarei da escrita feminina: do que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história –, por seu próprio movimento (Cisoux, 2022, p. 39).

Movimento, margem, corpo. O que as autoras revelam é que uma escrita atravessada pelo gênero é trabalho intelectual ou fruto de uma inspiração. É um trabalho do corpo que atravessa seus próprios limites. Na ocasião de uma entrevista a vários jornalistas e tradutores, Ferrante diz que a escrita "é girar a faca na ferida, algo que pode causar muita dor" (Sacoman e Brasil, 2020). A escrita feminina ganha esse lastro: carrega uma memória de sentidos do que é e do que não é trabalho de uma mulher, do trabalho feminino que não serve à produção de uma literatura para mulheres, somente. Ao colocar-se no texto e mexer nas feridas, uma escrita

que rompe com uma ideologia desenhada por e para escritores homens pode começar a ser pensada.

Ao longo da obra *As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever*, a autora apresenta três conferências ministradas em 2020, na Universidade de Bolonha. Na edição, também se encontra um ensaio datado de 2021. Nos textos das conferências, a noção de desmarginação volta a ser compartilhada, em uma referência à *A amiga genial* e a outras obras da autora, mas, sobretudo, uma referência ao processo de leitura e escrita, como um efeito do sujeito e do corpo. Diz a autora:

> De modo mais geral, acho que a minha ideia de escrita – e também todas as dificuldades que arrasto comigo – está relacionada à satisfação de ficar plenamente dentro das margens e, ao mesmo tempo, à impressão de uma perda, de um desperdício, por ter conseguido (Ferrante, 2023, p. 17-18).

Nesse excerto, vemos as aproximações da noção da escrita com a ideia de falta – tão cara à Análise de Discurso. Parece-nos que Ferrante nomeia como "falta" a impossibilidade de um sujeito pontuar o todo no discurso, traduzida, no pensamento pecheutiano como a teoria dos esquecimentos. Pelo esquecimento número 2, diz Pêcheux:

> todo sujeito-falante 'seleciona' no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada* (Pêcheux, 2009 [1975], p. 161, grifos do autor).

Já no esquecimento número 1, o autor diz que: "o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina" (Pêcheux, 2009 [1975], p. 162).

Isso significa que a relação entre o que está no exterior a uma determinada formação discursiva e os processos em seu interior estão abertos: não há como o sujeito escapar desse processo. Essa ideia de um exterior-interior sem margens possui uma relação estreita com o ato de escrever proposto por Ferrante: é um *desperdício* ter conseguido conter as margens de um texto.

O significante "margem" também desvela uma polissemia. Pode significar um contorno, uma beira, um limite, uma fronteira. É uma "linha" que divide o externo e o interno, o que poderia ser e o que está sendo, aquilo que é dito e o que não é dito. A margem cinde o que é silêncio e o que é linguagem. Quando a autora escreve, rompe as margens e o silêncio para dar lugar ao discurso, ao que se pode ler; mas, ao mesmo tempo, as margens estão presentes para nos lembrar daquilo que não está expresso na significação.

As margens, em Análise de Discurso, transparecem como fronteiras entre o exterior e o interior do texto, produzindo um espaço para a disciplinarização do que pode e deve ser dito. Ao mostrar como essas margens se desmancham – no corpo ou no ato de escrever – passamos a considerar a escrita como "um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos" (Pêcheux, 2012[1983], p. 42).

Ferrante diz que "a maneira como imaginamos arrastar para fora, por meio da palavra escrita, um 'dentro' fantasmático, por sua natureza sempre fugidia, mereceria mais atenção quando se discute literatura" (Ferrante, 2023, p. 19). A partir dessas palavras, podemos relacionar o processo de escrita como uma tentativa de lidar com o sentido, "porque parece que a prática de escrita é menos simplista do que aquilo que se diz dela: uma prática revolucionária e uma teorização no senso comum" (Gadet, 2016, p. 190). Esse modo de encarar as margens como possibilidades de engendrar o sentido do exterior para interior do texto tem a ver com a construção de um "espaço logicamente estável" (Pêcheux 2012[1983]) de construção de sentidos, que é produzido pelo autor, sob a forma dos efeitos de fechamento do texto, por exemplo.

Nesse ponto – o fato de a escrita revelar uma dualidade entre a simplicidade e a complexidade de um mesmo processo – outra questão se desvela: o atravessamento do feminino na escrita. Essa dualidade não deixa de nos fazer pensar nas margens: quem determina os sentidos? Como aquilo que pode e deve ser dito é construído na literatura? É impossível deixar de pensar nessa relação dentro-fora como o efeito de uma ideologia patriarcal que estabelece os sentidos que circulam no processo de escrita, inclusive a literária.

Para Indursky, no entanto, há outras possibilidades. Na escrita, a autora chama a atenção para o "efeito de fronteira que separa ilusoriamente o texto do que ficou fora de seus limites internos, produzindo um corte entre texto e interdiscurso, estancando-lhe o fluxo" (Indursky, 2016, p. 32).

Nesse processo de desmarginação, de desfazer-(se) das margens, Ferrante prossegue: "De um modo mais geral, devo confessar, eu imaginava me tornar homem, mas, ao mesmo tempo, permanecendo mulher" (Ferrante, 2023, p. 21). A autora escreve essas linhas como forma de denunciar a escrita feita por homens como um exemplo de boa escrita.

Ampliando as margens

Desmarginar, em Ferrante, tem a ver com a dissolução das margens, em que os sentidos tomam outra forma. Desmarginar, para a Análise de Discurso, no entanto, pode ter a ver com a irrupção do outro no discurso, que traz a heterogeneidade e marca na memória um já-sabido que retorna a todo instante. No discurso, os sentidos estão marcados por essa alteridade, que se inscreve a todo momento no dizer e nos lembra que as relações entre a exterioridade da língua e o intradiscurso são próximas, porosas, inseparáveis.

Ao trabalharmos na intersecção com a literatura, é importante que estejamos atentos ao como o corpus se organiza, já que as materialidades que selecionamos não são exatamente um objeto de

análise, mas expressam também a relação com a escrita. E, por isso, não pretendemos analisar exaustivamente o discurso do sujeito-autor, mas olharemos para os recortes selecionados de forma a observar como Neste caso, as ideias de "margem" inscritas no texto, podem ser pensadas em conjunto com a a reflexão sobre o processo de escrita e sobre a condição feminina.

A partir desses recortes, delinearemos nosso gesto de análise, que considera o modo como a ideologia atravessa o sujeito e o sentido. Dessa forma, intentamos realizar uma breve análise de algumas passagens do texto da autora, desvelando sentidos sobre a escrita e o feminino.

> Recorte 1: Escrever já era, por si só, difícil, e ainda por cima eu era mulher e, portanto, nunca conseguiria fazer livros como os dos grandes escritores. A qualidade da escrita daqueles textos, sua potência, acendia minhas ambições, me ditava intenções que pareciam estar muito além das minhas possibilidades (Ferrante, 2023, p. 22).

Neste trecho, compreendemos a relação com a escrita, que transparece no texto sob a forma de um elemento pré-construído: *"escrever já era, por si só, difícil"* incide no discurso como um saber de ordem do já-dito, um saber sobre a escrita que está relacionado a uma memória que entende essa tarefa como trabalhosa, que exige habilidade e que, portanto, está predestinada a apenas alguns sujeitos. Essa afirmação é sustentada pelo trecho seguinte em que o sujeito afirma: "*e ainda por cima eu era mulher*", em que uma relação hierarquizante entre escritoras mulheres e escritores homens fica mais realçada: intensifica a condição da escrita masculina como melhor do que a feminina. A expressão "*eu era mulher*" transparece como um elemento já-sabido, como um efeito de evidência que introduz essa justificativa e torna esse enunciado possível: as mulheres não podem ser boas escritoras. Ainda, é interessante pensar numa possibilidade de ato falho, já que a escritora é mulher, ou seja, não deixou de sê-lo, mas coloca esse elemento do passado

como um sentido de agravamento em relação ao que diz sobre o seu processo de escrita.

O sentido de "ser mulher" é potencializado pela relação estabelecida entre o significante "portanto", produzindo um efeito de sentido de conclusão que nunca poderia fazer livros como esses escritores. Já os pronomes "*daqueles* textos, *sua* potência" aparecem em oposição a "*minhas* ambições, *me* ditava e *minhas* possibilidades" e marcam essa relação antagônica que se estabelece na escrita. As margens entre o que é "meu" e o que pertence ao outro aparecem na linearidade significante, passando a mostrar o modo como a ideologia se engendra nesse discurso: o outro (o masculino, exterior ao texto) determina o modo da escrita (o feminino, o texto).

No recorte 2, esses sentidos são intensificados, pois nos deparamos com a ideia do feminino como um gênero preso às margens. Da mesma maneira, as possibilidades de escrita, pela mulher, parecem ser condicionadas pelo homem, ou seja, a ideia de que uma mulher apenas pode escrever fica condicionada aos contornos definidos pelo homem e pelo discurso patriarcal.

> Recorte 2: Na época, eu também me considerava uma mulher abjeta e vil. Temia, como já disse, que fosse justamente minha natureza feminina o que me impedia de aproximar ao máximo a caneta da pena que eu queria exprimir. Será mesmo necessário um milagre – eu me perguntava – para que uma mulher com coisas a contar dissolva as margens entre as quais parece estar fechada por natureza e se mostre para o mundo com sua escrita? (Ferrante, 2023, p. 24).

Neste trecho, o exterior se apresenta como indefectível: o sujeito-autor é uma mulher, e sua natureza feminina é o que a impede de romper com um o elemento do âmbito do já-sabido. O que pode e deve ser dito se apresenta sob um enunciado marcado

pela ideologia: a mulher *abjeta e vil*[2], de *natureza feminina*, não consegue exprimir aquilo que deseja. Os termos "natureza" e "milagre" chamam a nossa atenção, uma vez que parecem desdobrar outros efeitos: as condições de trabalho de uma mulher também passam por aquilo que é naturalizado ao gênero, já que a natureza feminina retoma uma memória em que a condição biológica da mulher é menor, menos importante que a condição masculina. Nessas condições, apenas um milagre pode salvar o sujeito dessa condição desprezível, que a separa do ofício da escrita.

No entanto, o trecho seguinte apresenta um furo na ordem do repetível, quando uma mulher *com coisas a contar* é apresentada ao leitor. A mulher abjeta e vil dá lugar a uma mulher que diz alguma coisa, que deseja escrever sobre algo. Esses elementos da língua nos permitem efetuar um gesto de leitura em que o eixo parafrástico – da repetição de um dizer – é rompido. Uma mulher que se assume com coisas para contar não é a mesma mulher vil, e ainda é uma mulher, a exemplo da ambivalência produzida no recorte anterior.

A expressão *com coisas a contar* denota a atividade de escrita e traz novamente a ideia de um interior-exterior para o texto que, nesse caso, está sendo contornado pelos limites definidos por uma escrita de autoria notadamente masculina. É também essa expressão que faz irromper o impensado no enunciado. Essa mulher, que é desprezível e abjeta, tem o que falar e, por isso, precisa romper as margens que a colocam dentro de um lugar, submissa a ele. Na paráfrase entre mulher *abjeta e vil* e mulher *com coisas a contar*, percebemos um discurso cindido, que aponta para diferentes sentidos. Já não é a mesma mulher que está lutando contra as margens de um discurso patriarcal.

No recorte 3, sentidos ambivalentes se constroem no texto: masculino e feminino, passado e presente:

[2] É importante mencionar que a expressão "abjeta e vil" diz respeito a um episódio da juventude, relatado pelo sujeito-autor, nas páginas 22 e 23 do livro. O sujeito-autor narra que essa expressão faz parte de um soneto, de autoria de Gaspara Stampa, uma poetisa italiana que viveu durante o Renascimento.

> Recorte 3: [...] entre a pena e a caneta, tanto no masculino quanto no feminino, segue existindo uma espécie de descompasso congênito, eis que Stampa me dizia que a caneta feminina, justamente por não ter sido prevista dentro da língua escrita de tradição masculina, devia – há cinco séculos tanto quanto hoje – fazer um esforço enorme e muito corajoso para violar "o jogo habitual" e dotar-se de "inspiração e estilo". (Ferrante, 2023, p. 25).

Neste trecho, observamos que tais sentidos fazem transparecer uma ideologia que se organiza através da ideia de que os homens detêm o poder da escrita, sabem como trabalhar com as palavras. As "regras do jogo" a que o sujeito-autor se refere não dizem respeito às regras linguísticas ou gramaticais, e nem mesmo às normas de publicação dos textos. Elas dizem respeito às condições de produção que privilegiam o saber masculino em relação ao feminino, ao que diz a mulher. É por isso que se faz tão importante "violar" essas regras. Na entrevista que já referenciamos neste artigo, Elena Ferrante afirma:

> Eles [os homens] escrevem livros para homens e mulheres, nós, em contrapartida, conseguimos escrever apenas para mulheres. É um dos vários sinais de como eles continuam a nos considerar seres humanos de nível inferior (Sacoman e Brasil, 2020).

Nesse trecho, entendemos que o sujeito-autor retoma seu ofício de escrever, a partir das condições históricas. A escrita feminina é frequentemente considerada inferior ou menos capaz de provocar efeitos, e está submetida às imposições de um sistema literário e ideológico hegemonicamente masculino, dominado pelos chamados "grandes escritores". Diante dessa estrutura, o sujeito-autor faz desvelar o sentidos do esforço para subverter as regras do jogo e romper com os padrões estabelecidos, mas mantém um ideia de "inspiração e estilo" como elementos

exteriores e supostamente ausentes de uma afetação ideológica: é como se a escrita feminina não estivesse submetida a uma ordem material, que a coloca na própria condição de submissão a um discurso dominado pelo patriarcado.

Um ponto não tão final

Três recortes são insuficientes para registrar a complexa discussão realizada pela autora em sua publicação. Contudo, destacamos algumas palavras ou expressões que podem dar indícios de um discursividade própria da autoria feminina: as expressões "nunca conseguiria" (recorte1), "o que me impedia" (recorte 2) e "violar o jogo habitual" (recorte 3) parecem demonstrar um movimento constante, por parte da autora, de romper as margens, de mostrar uma escrita feminina. Esse movimento, que começa com uma recusa à escrita feminina adquire um tom de contestação para, por último, desvelar uma forma de ressignificação de um dizer.

Esses elementos destacados se somam ao trecho que inicia essa reflexão: *Quando escrevo, nem eu mesma sei quem sou*, que mostra uma suposta evidência do sujeito que se confunde com o próprio ato de escrever e se questiona sobre as margens, (des)significando a escrita. O motivo de o sujeito não saber quem é diz respeito a esse caráter dissoluto das margens – elas não se desfazem completamente porque jamais haverá ausência de ideologia.

Referências

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

FERRANTE, Elena. **A amiga genial**: infância-adolescência. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

_____. **As margens e o ditado**: sobre os prazeres de ler e escrever. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

FREUD, Sigmund. O estranho (1976). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v.17, p. 275-314.

GADET, Françoise. Trapacear a língua. In: CONEIN, Bernard [et al.] (orgs.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

INDURSKY, Freda. Estudos da linguagem: a leitura sob diferentes olhares teóricos. In: TFOUNI, Leda (org). **Letramento, escrita e leitura**. Campinas: Mercado de letras, 2011, p. 163-178.

_____. As determinações da prática discursiva da escrita. **Desenredo**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 12, nº 1, jan./jun. 2016. p. 30-47.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio (1979). Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento (1983). Campinas: Pontes, 2012.

SACOMAN, Ana Carolina; BRASIL, Ubiratã. 'Escrever é como girar a faca na ferida', revela Elena Ferrante. **O Estado de São Paulo**, 30 ago 2020. Reportagem especial – literatura. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/escrever-e-como-girar-a-faca-na-ferida-revela-elena-ferrante/?srsltid=AfmBOorJO78cA5rkWipkrtpueRW8JhQBA56yja7L8ELGnKU8wQMXVz7n>. Acesso em 15 maio 2025.